



## ETNOECOLOGIA LINGUÍSTICA: POR UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA DE ETNOANTROPÔNIMOS BALANTA

Djiby Mané (UnB/ LEdoC/ FUP)

**Resumo:** Objeto de estudo da etnoantroponímia, os nomes próprios em pequenas comunidades têm múltiplas funções, inclusas, as de cunho social, cultural, religiosa e identitária. Eles têm sua importância na construção da personalidade do indivíduo, permitindo identificá-lo entre seus pares, isto é, fazer com que ele exista e que seja reconhecido por outros membros da comunidade. Diante do exposto, o presente estudo teve por objetivo analisar léxico-semânticamente os etnoantropônimos Balanta – língua falada em Sédhiou, região sul do Senegal, além de Guiné-Bissau e Gâmbia –, partindo da premissa de uma estreita ligação entre as palavras (língua) e o mundo (realidade). A variedade em estudo, conhecida pelo etnônimo balanta-ganja, é falada de Gudomp a Tanaf, na região de Sédhiou. Os dados que serviram de base para a parte analítica desse trabalho foram coletados, por meio de um estudo bibliográfico, de Sadio (2016) e Mansaly (2017). Como viés teórico, fez-se uso dos seguintes autores: Diao (1987), Agyekum (2006), Couto (2007), Dobrić (2010) e Tshiala (2011). Concluiu-se que os etnoantropônimos balanta (*ftuuge*, nome de nascimento, e *pedje*, apelido ou nome honorífico) não são criados *ex nihilo*, uma vez que constituem mensagens expressas que externalizam ideias precisas sustentadas por motivações semânticas.

**Palavras-chave:** Etnoantropônimos. Balanta. Léxico-semântica.

### Abstract

Object of study of ethnoanthroponymy, proper names in small communities have multiple functions, including those of a social, cultural, religious and identity nature. They play an important role in building an individual's personality, allowing him to be identified among his peers, that is, making him exist and be recognized by other members of the community. Given the above, this study aimed to lexico-semantically analyze the ethnoanthroponyms Balanta – a language spoken in Sédhiou, southern Senegal, as well as Guinea-Bissau and Gambia –, starting from the premise of a close connection between words (language) and the world (reality). The variety under study, known by the ethnonym balanta-ganja, is spoken from Gudomp to Tanaf, in

the Sédhiou region. The data that served as the basis for the analytical part of this work were collected, through a bibliographical study, from Sadio (2016) and Mansaly (2017). As a theoretical bias, the following authors were used: Diao (1987), Agyekum (2006), Couto (2007), Dobrić (2010) and Tshiala (2011). It was concluded that balanta ethnoanthroponyms (*ftuuge*, birth name, and *pedje*, nickname or honorific name) are not created ex nihilo, since they constitute expressive messages that externalize precise ideas supported by semantic motivations.

**Keywords:** Ethnoanthroponyms. Balanta. Lexico-semantics.

### 1. Considerações iniciais

Todas as tradições primordiais do planeta, apesar de suas diferenças, são construídas com base em um conceito comum e essencial: a convivência dos homens com a natureza, incluindo suas práticas culturais. Tal traço cultural mostra-se importante, pois determina certa visão de mundo, uma vez que o mundo, para muitos, é culturalmente determinado por uma série de mitos criacionistas. E mesmo em tempos modernos, de modo desigual e de acordo com a etnia e seu grau de estruturação social, diversas práticas culturais se fazem presente em todo o continente africano.

Como prática cultural de um povo, o sistema de nomeação dos indivíduos, isto é, dar-lhes nomes, varia de uma cultura para outra. Nos balantas – que vivem em um território denominado ‘balantacunda’ (topônimo do território do povo Balanta) –, por exemplo, os etnoantropônimos obedecem aos seguintes critérios: *ftuuge* (nome de nascimento), *fsumle* (nome de família) e *pedje* (nome honorífico). Para melhor entender o sistema de nomeação em Balanta, nas linhas que se seguem têm-se uma análise léxico-semântica de etnoantropônimos Balanta – comunidade localizada em Sédhiou, região sul do Senegal, além de Guiné-Bissau e Gâmbia.

É preciso salientar que uma análise léxico-semântica de etnoantropônimos Balanta consiste em partir da premissa da existência de uma estreita ligação entre as palavras (língua) e o mundo (realidade), isto é, os signos linguísticos são representações de práticas socioculturais. E o nome de uma pessoa em Balanta, um signo linguístico, carrega imagens onde o Balanta tanto se afirma como se expressa.

O presente estudo se deu fazendo uso de base teórica dos seguintes autores: Diao (1987), Agyekum (2006), Couto (2007), Dobrić (2010), Tshiala (2011). De modo especial, em Sadio (2016) e Mansaly (2017) foram coletados os dados que serviram de base para a parte analítica apresentada adiante (no item 4).

Em suma, as linhas que se seguem foram articuladas em três partes, além das considerações gerais e finais. A primeira tratou do contexto conceitual e teórico da pesquisa. A segunda descreveu

a metodologia da pesquisa. E a terceira analisou alguns etnoantropônimos Balanta, a fim de averiguar seus aspectos léxico-semânticos.

### 2. Contexto conceitual e teórico

De cunho interacional e integradora, a Ecolinguística desenvolve um modelo de complexidade para dar conta, em todos os níveis, das inter-relações entre as línguas, os indivíduos e o ambiente existente (COUTO, 2007). Do mesmo modo que a Ecologia, que examina a interação entre os organismos e entre os organismos e o meio ambiente, a Ecolinguística explora a interação entre as línguas e entre as línguas e seu meio ambiente e a sociedade em que são utilizadas.

Entre as várias abordagens da ciência supramencionada tem-se a Etnoecolinguística ou Etnoecologia Linguística, que mais tem a ver com a temática aqui tratada, uma vez que estuda as relações entre as línguas e a sociedade (meio ambiente) do ponto de vista das etnociências.

#### 2.1. A Etnoecologia Linguística

A Ecoetnolinguística – termo cunhado por Couto (2007) – é o estudo das relações entre as línguas e os meios ambientes, partindo da realidade linguística dos grupos indígenas, tradicionais, rurais, isolados e assemelhados. Tal termo se deu a partir da aglutinação dos radicais gregos *eco* (casa, habitat, ambiente), *etno* (raça, etnia) e Linguística – o estudo científico da linguagem. Aquele autor ressalta que poderia ter optado pelo termo Etnoecolinguística ao invés de Etnoecologia Linguística, mudando apenas a ordem dos radicais – o que não mudaria o objeto de estudo.

Segundo Couto (2007, p. 219), a Etnoecologia Linguística,

[...] é o estudo das relações entre língua e meio ambiente, só que partindo da variedade linguística de grupos indígenas, tradicionais, rurais, isolados e assemelhados. A Etnoecologia Linguística, mas não só ela, mostra que a Ecolinguística estuda as relações entre L e MA não diretamente. O que ela de fato estuda são as relações de língua com meio ambiente via população (ou membros de P), bem como as relações entre membros de P no meio ambiente, usando a língua.

## ECO-REBEL

A Etnoecologia é parte das Etnociências que, por sua abrangência, tratam de qualquer estudo relacionado com a cultura de um povo, levando em consideração seu ambiente físico. Para delimitar sua área de atuação, Marques (2002 *apud* COUTO, 2007) afirma que as Etnociências têm relação com os seguintes campos de estudo: Antropologia (cultural, ecológica, cognitiva), Biologia (nas temáticas “ecologia”, “zoologia”, “botânica”, “taxonomia” e “sistemática”), Geografia, Linguística, Farmacologia, Matemática, História, Economia, Agronomia e Psicologia (nas temáticas “social”, “clínica” e “cognitiva”), reafirmando a íntima relação da Ecolinguística com a Etnoecologia.

Para Couto (2007), a Etnoecologia envolve as disciplinas estudadas por antropólogos e biólogos sob rubricas que se iniciam por *etno-* (Etnobiologia, Etnobotânica, Etnozoologia, Etnofarmacologia, Etnomedicina, Etnotoponímia, Etnoantroponímia, entre outras).

Nesse sentido, o presente estudo teve como foco as seguintes áreas das Etnociências:

- Etnozoologia: estudo das relações entre humanos e animais, em pequenas comunidades;
- Etnobotânica: trata da relação povos-plantas, por meio de sua classificação para finalidades científicas, etnográficas, linguísticas e comerciais;
- Etnomedicina: trata da relação homens-plantas, com foco em todo e qualquer procedimento de cura tradicional e/ou popular;
- Etnotoponímia: estuda como as comunidades indígenas, tradicionais ou pequenas se relacionam com o meio ambiente físico (cidades, povoados, acidentes geográficos, rios, lagoas, nascentes) via denominação; e
- Etnoantroponímia: estuda os nomes que os membros de comunidades indígenas, rurais e pequenas comunidades tradicionais se dão internamente.

O sistema de nomeação existe em todas as culturas. Aliás, a importância desse sistema é coroada pela Onomástica<sup>1</sup>: ciência que estuda os nomes. E como objeto de estudo da Etnoecologia Linguística, a Etnoantroponímia – norte do presente estudo – é assim definida por Couto (2007, p. 260):

---

<sup>1</sup> Onomástica: ciência dos nomes; Etonímia: ciência dos nomes das etnias; Toponímia, ciência dos sítios e lugares; e, Antroponímia: ciência dos nomes das pessoas – todas desempenham um papel considerável na elucidação do fato histórico (UNESCO, 1984).

## ECO-REBEL

[...] seria a parte da Etnoecologia Linguística que estuda os nomes que membros de comunidades indígenas, rurais e pequenas comunidades tradicionais em geral se dão internamente. Ela se ocupa das relações que os indivíduos dessas comunidades mantêm uns com os outros, especificamente como esses indivíduos chamam uns aos outros.

Nas últimas décadas, a questão da manifestação e/ou percepção da identidade de uma comunidade, de uma nação e de um povo através dos nomes próprios tem sido mais preocupante do que nunca, sobretudo, quando da aculturação das sociedades africanas a partir de seu contato com o ocidente.

Os nomes próprios em geral e aqueles atribuídos aos indivíduos parecem não fornecer mais nenhuma indicação além de diferenciar o indivíduo que os carrega de seus pares, devido à influência das religiões cristã e muçulmana. No entanto, uma simples decifração diacrônica dos etnoantropônimos permite perceber que eles constituem um todo inseparável daqueles que são levados a carregá-los; permitem identificar um indivíduo em relação ao outro, levando em consideração certos fatos ou certas circunstâncias que influenciaram significativamente o momento presente, anterior ou pós-nascimento daqueles que os usam.

Diante do exposto, vale questionar: se os etnoantropônimos são nomes próprios que os indivíduos de pequenas comunidades se dão entre eles, será que esses nomes são dados sem nenhuma relação com o nomeado? Ou seja, será que há uma relação entre as coisas e as palavras, isto é, será que o signo linguístico é realmente arbitrário?

### **2.2. Nome próprio de pessoas e o signo linguístico**

O signo linguístico é um fenômeno que combina, segundo Ferdinand de Saussure (2004), um significante e um significado que, juntos, fazem parte de uma unidade mais complexa. O significante é um fenômeno sonoro linearizado no tempo, enquanto o significado é um fenômeno cognitivo, ou seja, um conjunto estável de características. Tem-se ainda um fenômeno físico denominado referente – que constitui o próprio objeto no mundo.

Quando do estudo dos signos de uma língua, é preciso levar em conta todo o sistema, bem como a arbitrariedade do signo – que permite que uma língua mude radicalmente em todos os seus aspectos (pronúncia, morfologia, sintaxe e semântica).

Conforme Saussure (2004), a relação significante-significado é arbitrária, isto é, não se tem aí uma relação natural. Por exemplo, um escritório é um escritório, isto é, não existe um elemento

## ECO-REBEL

motivador. Aquele autor enfatiza a natureza fundamentalmente arbitrária da relação entre as palavras e as coisas, ou seja, entre “significante” e “significado”. Assim, o significante – a palavra – se distingue do significado – a coisa, o conceito, a noção designada. A natureza arbitrária de sua ligação é sublinhada: a forma das palavras não reflete necessariamente as propriedades das entidades que designam. Por exemplo, a forma fônica da palavra “gato” não tem nenhuma semelhança com o animal a que se refere; é uma ligação convencional “não motivada” entre o significante e o referente.

Faz-se importante salientar que as onomatopeias têm uma parte da motivação fônica entre o significante e o referente. Existe, por exemplo, uma semelhança entre a palavra “miau” e o grito do gato. Trata-se de uma relação motivada.

De modo particular, tratar do significado dos etnoantropônimos Balanta consiste, naturalmente e sem querer, em relançar o debate sobre o caráter assemântico ou semântico dos nomes próprios. A fim de perceber e compreender o conteúdo semântico das unidades etnoantroponímicas Balanta, é necessário submetê-las a uma análise léxico-semântica.

Nesse viés, os nomes dos indivíduos têm um significado motivado? A preocupação da Linguística sempre foi com o conteúdo e o significado (próprio) do nome, se o nome tem um significado ou não, como ressalta Dobrić (2009, p. 31)<sup>2</sup>: “A investigação tradicional que preocupava a Linguística sempre foi a questão de os nomes terem significado ou não”.

O nome próprio parece estar realmente ausente do Curso de Linguística Geral (CLG). É mencionado durante um desenvolvimento dedicado à analogia na evolução das formas linguísticas, como um exemplo de uma única palavra isolada que não pode ser analisada do ponto de vista morfológico.

As únicas formas em que a analogia não tem sustentação são palavras naturalmente isoladas, como nomes próprios, especialmente nomes de lugares que não permitem qualquer análise e, portanto, nenhuma interpretação de seus elementos (SAUSSURE, 1916 [2004], p. 237).

Sob uma perspectiva estruturalista, a língua, único objeto da Linguística, é concebida como um sistema; ou seja, na medida em que os signos linguísticos são definidos por suas relações

---

<sup>2</sup> “The traditional inquiry that linguistics was concerned with was always the question whether names have meaning or not” (DOBRIĆ, 2009, p. 31).

mútuas dentro do sistema, qualquer referência às entidades extralinguísticas que designam no discurso é excluída.

Quanto ao nome próprio ter ou não significado, Tshiala (2011, p. 12) afirma que:

Os nomes têm significado descritivo mínimo: indicam que o indivíduo nomeado tem esse nome. O nome próprio também pode ter uma função social, uma vez que não é usado apenas para designar, significar e desafiar, por meio de sua formulação linguística; também procede, pelos mecanismos de sua transmissão, de uma operação de classificação social.

Com base em sua análise da língua falada no norte do Senegal, Tchiala (2011) afirma que os nomes próprios dos indivíduos têm significado. Para tanto, na parte analítica do presente estudo será possível verificar se tal afirmação se aplica à língua Balanta.

### 3. Contexto metodológico

O presente estudo teve como viés analisar os etnoantropônimos Balanta. Pertencente às línguas Bak do grupo Oeste-Atlântico da família Níger-Congo, o Balanta é falado pelo povo balanta em Senegal, Gâmbia e Guiné-Bissau. Ele se subdivide em duas principais variedades conhecidas pelos etnônimos, quais sejam: 1) Balante-Ganja; e, 2) Balanta-Kentohe. O Balanta-Ganja – objeto desse estudo – é falado no sudoeste de Senegal, na margem esquerda do rio Casamança, entre Goudomp e Tanaff, e um pouco mais ao sul.

Segundo a Linguística ecossistêmica (COUTO, 2015), composta pelo Ecosistema Natural da Língua, Ecosistema Mental da Língua e pelo Ecosistema Social da Língua, o Ecosistema Natural do Balanta é constituído por um povo P1 (os balantas), uma língua L1 (Balanta) e um território toponímico T1 (balantacunda).

O número de falantes do Balanta-Ganja, segundo o censo de 2002, foi de 106.350. No contexto da política e do planejamento linguístico, o Balanta recebeu o *status* de língua nacional no Senegal em setembro de 2000, por meio do Decreto n. 2005-979, que regulamenta a grafia dessa língua, passando a ser ensinado na escola primária.

A fim de alcançar os objetivos aqui propostos, optou-se por uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2010, p. 29),

## ECO-REBEL

[...] é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela *internet*.

De fato, o procedimento bibliográfico se enquadra no presente estudo, pois foram utilizados artigos publicados e disponíveis na *internet*. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema pesquisado. Essa técnica de pesquisa permitiu acessar, por meio da *internet*, os trabalhos de Sadio (2016) e Mansaly (2018).

O *corpus* submetido à análise foi coletado nos escritos de Mansaly (2017) e Sadio (2018). Os nomes coletados poderiam constituir-se, sem dúvida, em uma amostra amplamente representativa de etnoantropônimos Balanta. Procedeu-se, então, ao levantamento e à classificação desses etnoantropônimos (*ftuuge* e *pedje*) fazendo uso de diferentes critérios, entre os quais: morfologia do indivíduo; ligação com o mundo (visível e/ou invisível); cultura que permite compreender melhor como são atribuídos os nomes em Balanta, entre outros.

O presente trabalho de análise léxico-semântica de etnoantropônimos Balanta se deu a partir de um *corpus* composto por 13 *ftuuge*, sendo sete nomes-mensagem e seis nomes dirigidos a seres invisíveis, além de seis *pedje*, selecionados após a leitura criteriosa dos artigos de Sadio (2016) e Mansaly (2018) – dados que foram utilizados como base para o item 4 adiante – consagrado à análise de etnoantropônimos Balanta.

Após a coleta dos dados, fez-se uma leitura de todo material, sendo que as principais informações foram compiladas. Posteriormente, empreendeu-se uma análise descritiva das mesmas, buscando estabelecer alguma compreensão e ampliar o conhecimento sobre os aspectos léxico-semânticos dos etnoantropônimos Balanta.

É preciso salientar que para a análise dos valores léxico-semânticos dos etnoantropônimos, o melhor significado de uma expressão linguística é a descrição do objeto do mundo designado por essa expressão.

## 4. Análise de etnoantropônimos Balanta

### 4.1. Etnoantropônimos Balanta

Os etnoantropônimos Balanta, dadas suas naturezas, se enquadram em três principais categorias, a saber: 1) *Ftuugé* (nomes de nascimento); 2) *Pedje* (apelido); e, 3) *Fsuumle* (nome de família) – este último não será aqui abordado.

Por ser considerado como um reflexo de filosofia, crença, práticas sociais, eles refletem a concepção de vida (ou morte), como observa Diao (2006, p. 211): “A língua é uma manifestação e descrição da complexidade e diversidade do modo de vida e das práticas das pessoas<sup>3</sup>”. Assim, as linhas que seguem consistem em uma análise dos etnantropônimos Balanta *ftuuge* e *pedje*.

#### 4.1.1. *Ftuuge* ou nome de nascimento

Como em grande parte das culturas em todo o mundo, ao nascer, a criança Balanta recebe um nome (*ftuuge*, em balanta). O Balanta diferencia o gênero da criança ao chamá-la de *ndoti* (*adogti*, que significa o/um menino) se for um menino ou *nfula* (*afula*, que significa a/uma menina) se for uma menina.

Ultimamente, os nomes próprios tradicionais dos balantas têm sofrido a influência do Islamismo e do Cristianismo – por exemplo, Bacary, Ibrahima para os muçulmanos, e Bruno, Raul, para os cristãos. Mas isso não impede que os pais continuem atribuindo etnoantropônimos a seus filhos. Tais etnoantropônimos, em geral, tem a ver com o dia, o lugar, as circunstâncias do nascimento, como aponta Fédry (2011, p. 5): “[...] nome de outra pessoa, falecida ou viva; nomes de circunstâncias em referência a um “dado” de nascimento; nomes-mensagens, endereçados a um destinatário invisível e/ou àqueles ao seu redor”.

Assim, o *ftuuge* compreende o nome de outra pessoa, falecida ou viva, ou nomes de circunstâncias em referência a um “dado” de nascimento, ou nomes-mensagem, nomes-retrato, endereçados a um destinatário invisível e/ou àqueles ao seu redor, ou nomes dirigidos a seres

---

<sup>3</sup> Do original: “*The language is a manifestation and description of the complexity and diversity of the peoples way of life and practices*”.

invisíveis ou nomes de sobrevivência. A formalização e a atribuição desses etnoantropônimos se dão alguns dias após o nascimento de uma criança na comunidade Balanta.

### 4.1.1.1. Nome de outra pessoa, falecida ou viva

Dar a um bebê o nome de um antepassado, estabelecendo, assim, uma relação entre um e o outro, é provavelmente o processo de nomenclatura mais comum. Trata-se de recordar um ente falecido, fazendo-o continuar presente.

Sobre a questão, Diao (1987, p. 5) assevera:

Além deste aspecto do seu significado, o nome tem as seguintes funções: permite transmitir uma mensagem, sublinhar um acontecimento histórico ou um estado de espírito dos pais fora da procriação, ou mesmo um traço físico da criança. Também pode recordar a existência de um antepassado – que voltou entre os vivos – porque na África se costuma dizer que os mortos não estão mortos e que as crianças vêm do mundo dos mortos.

O recém-nascido também pode receber o nome de um avô vivo, ou de um dos pais, ou de um amigo do pai da criança, para fortalecer a amizade. Em caso de indivíduo vivo, em geral, tal ação deseja fortalecer a ligação entre o pai do filho e o indivíduo homenageado. Por exemplo, os etnoantropônimos ‘Suty’ – do mandinga ‘Su Tió’ (o dono da casa, o chefe da família) – e ‘Almam’ – do árabe ‘*al-imam*’ (líder religioso) – podem ser considerados honoríficos, uma vez que são denominações que se referem à posição, à dignidade, à formação, ao cargo ou à posição daquele homenageado. E em relação ao portador desse etnoantropônimo honorífico, ele é mais conhecido por esse título, sendo o verdadeiro nome reservado no ambiente escolar e acadêmico.

### 4.1.1.2. Nomes de circunstâncias

Caracterizam as circunstâncias nas quais nasceu a criança (gêmeos, ordem de nascimento, correspondência ao dia da semana, circunstância de nascimento etc.). Em outras palavras, o nome dado à criança varia em função do contexto do nascimento, que pode estar ligado:

- Ao dia da semana do nascimento (temporônimo): ‘*tening*’, palavra de origem árabe (*al-teen*), que significa segunda-feira;

## ECO-REBEL

- Ao local de nascimento (topônimo): a criança pode ser chamada ‘*thambé*’ (arrozal), porque nasceu nesse espaço físico reservado a mulheres, para plantar e colher arroz; ou
- Ao período de nascimento: estação do ano (temporônimo): ‘*thenthé*’ (estação chuvosa) em oposição à ‘*haay*’ (estação seca).

### 4.1.1.3. Nomes-mensagem

São nomes endereçados a um destinatário invisível e/ou àqueles ao seu redor. Eles são dados à criança em alusão à sua morfologia física ou aos seus traços morais ou comportamentais, conforme ilustra a Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1:** *exemplos de nomes-mensagem*

Nº	Termo balanta	referência	Termo de apelação	Características morfológicas
1	<i>Bboo</i>	-	Onomatopeia	Nariz grande.
2	<i>Naata</i>	-	Onomatopeia	Nariz achatado.
3	<i>Muuka</i>	-	Ideófone	Cabeça grande.
4	<i>Ntuukpe</i>	-	Ideófone	Pescoço enfiado no ombro.
5	<i>Arufu</i> 'a' + 'rufu' (o/a) (bochechudo)	-	Ideófone	Bochechudo.
6	<i>Ñoole</i> 'ñool' + 'e' (anoitecer (passado))	Anoiteceu, estar atrasado durante o por do sol.	Sintagma verbal	Magro.
7	<i>Psulmbaan</i> 'psul' + 'mbaan' (povo) (nosso)	Nosso povo ou "etnia".	Sintagma nominal	Magro.

**Fonte:** Adaptado de Mansaly (2017).

A Tabela 1 outrora apresentada pode ser classificada em três categorias, quais sejam: 1) Onomatopeia; 2) Ideófone; e, 3) Sintagma verbal, conforme a morfologia da criança. Na categoria Onomatopeia, as palavras ‘*bboo*’ (nariz grande) e ‘*naata*’ (nariz achatado) referem-se às características físicas da pessoa. Aqui vale destacar que a onomatopeia é uma palavra que, por exemplo, busca reproduzir ou imitar os sons da natureza, dos animais, das coisas etc.

Quanto à categoria Ideófone, as palavras ‘*muuka*’ (cabeça grande), ‘*ntuukpe*’ (pescoço enfiado no ombro) e ‘*arufu*’ (bochechudo) emitem sons que rimam, respectivamente, com o

## ECO-REBEL

tamanho da cabeça, a posição do pescoço e o tamanho das bochechas. Assim como a onomatopeia, o ideófone busca evocar uma ideia de som ou uma impressão vívida de certas sensações ou percepções sensoriais.

Urge ressaltar que em ‘*arufu*’ (bochechudo), trata-se de uma Sequência Determinante + substantivo (‘a’ (o/a) + ‘rufu’ (bochechudo/a)). Aqui é preciso atentar-se que os etnoantropônimos formados a partir desse modelo são unidades sintagmáticas de determinação ou conclusão.

Já em relação ao Sintagma, no exemplo da Tabela 1 tem-se os termos balantas ‘*ñool*’ de ‘*ñool*’ (anoitecer) + ‘e’ (marca do pretérito), (estar atrasado durante o por do sol) (magro) – que é um sintagma verbal – e ‘*psulmbaan*’ de ‘psul’ (povo, etnia) + ‘mbaan’ (nosso), (nosso povo ou “etnia”) (magro) – que é um sintagma nominal. Nessa categoria, tem-se, no primeiro caso, a sequência verbo + complemento, composta pelo verbo + complemento e, no segundo caso, a sequência substantivo + determinante.

Os etnoantropônimos Balanta assumem funções pragmáticas e, portanto, linguísticas. Eles se referem aos seguintes aspectos: altura, peso, estatura, cabelo (calvície, cor), pelagem e barba, aparência geral, vigor, força e saúde, deficiências físicas e enfermidades. Trata-se de um nome em forma de mensagem, conforme assevera Fédry (2011, p. 3):

A estreita relação entre o nome e a pessoa física, corpórea, talvez resulte do fato de o nome ser, em sua face significante, nada mais do que uma vibração sonora emitida por uma boca e percebida pelos ouvidos. Sem esse enraizamento corporal, o nome não é nada, assim como a palavra, referida em muitas línguas africanas pelo mesmo termo que “boca”. As consequências dessa relação estreita entre nome e pessoa se manifestarão posteriormente nas precauções tomadas no manuseio do nome.

Em suma, tais onomatopeias, ideófonos e sintagmas (verbal e nominal) têm o papel de socializar, consolidar os laços de amizade e fraternidade na zombaria, na ironia. Assim, o etnoantropônimo é um código linguístico que dá informações sobre o indivíduo a quem se refere.

### 4.1.1.4. Nomes dirigidos a seres invisíveis ou nome de sobrevivência

Em muitas culturas, quando uma mãe perde gestações repetidamente, acredita-se que se tem aí a ação de um espírito maligno, que deve ser expulso via rituais utilizados para preservar suas vidas, dando à criança um etnoantropônimo – o que implica desespero, de fato, (ou esperança,

## ECO-REBEL

por exclamação) em prol da sobrevivência da criança, visando protegê-la da influência de seres invisíveis que gostariam de matá-la. Tal categoria de etnoantropônimos pode ser listrada na Tabela 2, a seguir.

**Tabela 2:** *exemplos de nomes de sobrevivência*

Nº	Forma simples	Forma complexa	Tradução
1	<i>Ñabute</i>	<i>Ñi a mbi teeye (eu) (até) (ir) (ver)</i>	Ficarei surpreso (vê-lo sobreviver)!
2	<i>Ambilooda</i>	<i>A mbi looda (até) (ir) (morrer)</i>	Ele/ela certamente morrerá!
3	<i>Mbato</i>	<i>U mba too (ele) (não) (ir)</i>	Não vai mais!
4	<i>Ambitha</i>	<i>A m bitha (até) (eu) (ver)</i>	Até eu ver!
5	<i>Bañina</i>	<i>Ba ñin a (nós) (ver) (ir)</i>	Esperamos para ver!
6	<i>Balagma</i>	<i>Balag ma (jogar fora) (ele)</i>	Jogue-o fora!

**Fonte:** Adaptado de Mansaly (2017).

Os etnoantropônimos Balanta são unidades linguísticas cuja morfologia é caracterizada por dois tipos de estruturas, a saber: 1) Simples; e, 2) Complexas. O primeiro se dá em forma de unidades lexicais, como em “*Ambitha*” (Até eu ver!) e “*Bañina*” (Esperamos para ver!).

Os etnoantropônimos de forma simples são derivados de etnoantropônimos de formas complexas, que consistem, em geral, de um núcleo seguido ou precedido por um expansivo (substantivo, adjetivo, sintagma nominal etc.), como nos seguintes exemplos: “*Ambitha*” (‘a’ (até) + ‘m’ (eu) + ‘bitha’ (ver)), (Até eu ver!) e “*Bañina*” (‘ba’ (nós) + ‘ñin’ (ver) + ‘a’ (ir)), (Esperamos para ver!).

Os etnoantropônimos de formas complexas ou de formas fraseadas lexematizadas nada mais são do que frases que são utilizadas como substantivos. A partir dessa estruturação, estabelece-se que em Balanta vários etnoantropônimos são frases prontas, sendo denominados unidades onomasiológicas frasais lexematizadas.

Na comunidade Balanta, os pais não hesitam em dar aos filhos nomes próprios atípicos e difíceis, com o único propósito de evitar o azar, observando as tradições. Essa forma de nomear outrem é fortemente marcada por uma longa tradição animista, que se caracteriza pela adoração do ser supremo pelos objetos de sua criação e pela obrigação de reconhecimento pelo sacrifício ou consagração.

## ECO-REBEL

Esses etnoantropônimos dirigidos a seres invisíveis são nomes atípicos que protegem contra os caprichos do destino. Tratam-se de “etnoantropônimos contra a morte”, por consistirem em enganar a morte, ou de certas forças maléficas responsáveis pela morte de várias crianças anteriores (JOURNET-DIALLO, 2001). Assim, segundo Journet-Diallo (2001, p. 51): “Se nomear é fazer existir, também é potencialmente dar-se os meios para intervir no destino de quem é nomeado”.

### 4.2. *Pedje* ou nome de respeito ou apelido

Em Balanta, o apelido ou *pedje* é um nome complementar que se acrescenta ao nome próprio de um indivíduo (*ftuuge*) e que pode até substituir esse nome próprio, principalmente, no seio da família. É o nome dado a alguém por suas características ou por seus comportamentos.

O Balanta distingue os *pedje* por gênero (masculino e feminino). Nos etnoantropônimos masculinos ou *gbbéjéglanté*, tomemos os exemplos “*binganha*”, “*Maalũ*” e “*Ñaaga*” (SADIO, 2016).

“*Binganha*” se refere a ‘*A ’zimbar*’ (lagarto monitor) – *Varanuspriscus* (um animal robusto, com muita força). Atribuída a uma pessoa na comunidade Balanta, caracteriza o tamanho e a força física percebidos em um indivíduo. Por sua vez, “*Maalũ*” (lagartixa) se refere àqueles cujas características são similares às da lagartixa (animal curioso e medroso). Já “*Ñaaga*” ‘*ngoone*’ (hiena) (animal carnívoro e noturno) caracteriza-se pela sua voracidade, pelo seu olfato; aqui, tem-se um indivíduo que adora carne e é guloso.

Quanto aos etnoantropônimos femininos ou *gbbéjégniine*, têm-se os seguintes exemplos: “*Diigũ*”, “*N’thangi*”, “*Sidũ*”, “*Thaami*” e “*Ndanguĩ*” (SADIO, 2016).

“*Diigũ*” (diibi) (macaco) se refere a alguém inteligente, sociável, amada, imprevisível, nunca entediante, engraçado, brincalhona, boba, afetiva etc. No tocante a “*N’thangi*” ‘*biiti*’ (cachorro) (animal associado à fidelidade), representa, de certo modo, um elo entre o mundo animal e o homem. Entre os balantas, o cão é considerado um animal de excepcional coragem, utilizado para caça. Assim, na cultura em questão, chamar metaforicamente alguém de “*nthangi*” (cachorro) é homenagear sua bravura. Por sua vez, “*Sidũ*” ‘*hara*’ (cabra/bode (caprinos), caracteriza, na comunidade Balanta, uma mulher de coragem, agilidade, sobriedade, versatilidade, adaptação, união, independência e fé.

## ECO-REBEL

Com base nos exemplos supramencionados, o *pedje* (apelido) consiste em nomear outrem pela evocação do nome de um animal. Simboliza um traço de semelhança física ou de caráter. A enunciação do nome, por exemplo, evoca, por metonímia, uma das principais características do animal.

Muito comum entre os balantas, a prática do ‘*pedje*’ (apelido) é uma criação onomástica que desfruta de uma liberdade impressionante e escapa a qualquer controle dentro do grupo. Impregnado de subjetividade, o *pedje* costuma ser dado em referência a uma característica física, psicológica, comportamental ou à fauna. Sobre a questão, Mphande (2006, p. 106) assevera:

Os nomes, como palavras pelas quais a realidade é conhecida e falada, são o léxico mais significativo no vocabulário de qualquer língua e são uma parte importante do inventário da língua, pois não apenas nomeiam o ambiente, mas também armazenam todas as distinções sobre a fauna e a flora.

O uso do *pedje* revela certa intimidade entre os diferentes interlocutores, uma intimidade amistosa, lúdica, carinhosa. Muitos desses etnoantropônimos vêm dessas práticas, em especial, a caça. Para fingir que não viu o animal durante a caça, ao invés de dar o nome real do animal, o caçador dava um nome que caracteriza o animal. Por exemplo, quando se deparava com um ‘gato’, o caçador falava “*thaami*”. Tais nomes característicos são aplicados àqueles conforme as características de cada uma. Esse sistema de nomeação mostra a relação do povo Balanta com a natureza.

#### 4. Considerações finais

Estudar os etnoantropônimos Balanta é analisar as principais questões que apresentam o bom entendimento, o bom domínio e até mesmo a perfeita percepção das mensagens que se escondem por trás desses nomes próprios. Nesse sentido, o presente estudo, ao tomar como foco especificamente os etnoantropônimos Balanta, tem o grande mérito e até mesmo o ganho de poder revelar, por meio desses nomes próprios de pessoas, uma grade de percepção ou compreensão da riqueza linguística, sociológica e cultural de uma entidade étnica composta do povo em questão.

Assim, foi possível perceber que os etnoantropônimos Balanta não são apenas identificadores asemânticos. Por serem unidades linguísticas simples (léxicos) e complexas (construções fraseadas lexematizadas), tais etnoantropônimos funcionam como unidades linguísticas significativas. E sendo

## ECO-REBEL

unidades lexicais por direito próprio, os etnoantropônimos Balanta possuem estrutura morfológica, incorporam um conteúdo semântico e assumem funções linguísticas, ou seja, sintáticas e pragmáticas.

Como produto de uma tradição, o nome próprio é um importante paradigma da identidade individual e social do Balanta. Logo, longe de ser um simples rótulo desmotivado, o nome de um indivíduo em Balanta é um código linguístico que se refere (pelo jogo da correlação funcional entre o significante e o significado) e informa sobre o indivíduo a quem se refere, com base nas circunstâncias de seu nascimento. Em outras palavras, os etnoantropônimos Balanta não são de forma alguma uma unidade linguística assemântica.

Tal sistema de nomeação entre os balantas, pode, ainda hoje, sugerir *de per si* o meio social – efetivo ou como é imaginado ou aspirado pelos pais da criança. Assim, abordar a temática em questão é um modo de preservar e transmitir para outras gerações esses léxicos etnoantropônimos e sistema de nomeação do povo Balanta.

Para além das suas características identitárias e socioculturais, os etnoantropônimos Balanta constituem um todo etnolinguístico que permite apreender os modos e os mecanismos de atribuição dos nomes próprios dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

AGYEKUM, Kofi. 2006. 'The sociolinguistic of Akan personal names'. *Nordic Journal of African Studies* 15(2):206-235. Disponível em [https://www.academia.edu/20619818/The Sociolinguistic of Akan Personal Names](https://www.academia.edu/20619818/The_Sociolinguistic_of_Akan_Personal_Names) e acessado em 30/7/2021.

DIAO, Abbas - *Le catalogage des noms africains: étude des noms sénégalais et projet de norme: liste d'autorité à partir de catalogues d'éditeurs*. Villeurbanne: 1987. Disponível em <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/63576-le-catalogage-des-noms-africains-etude-des-noms-senegalais-et-projet-de-norme-liste-d-autorite-a-partir-de-catalogues-d-editeurs.pdf> e acessado em 19/8/2021

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. 1ª ed. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. *LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA*. Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

DOBRIĆ, Nikola 2010 ‘*The theory of names and cognitive linguistics: The case of the metaphor*’. University of Belgrade: Filozofija i društvo 21,1:31-41. Disponível em [\(PDF\) Theory of Names and Cognitive Linguistics: The Case of the Metaphor \(researchgate.net\)](#) e acessado em 30/8/2021.

FÉDRY, Jacques, “*Le nom, c’est l’homme*”, *L’Homme* [En ligne], 191 | 2009, mis en ligne le 01 janvier 2011. Acessado em 5/8/2021. URL: <http://journals.openedition.org/lhomme/22195> ; DOI : 10.4000/lhomme.22195

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

JOURNET-DIALLO, Odile. *NOMS D’ANCÊTRES, NOMS D’AMIS, NOMS DE DÉRISION. Exemples africains*. ERES “Spiral” 2001/3 no 19 | pages 51 à 60 ISSN 1278-4699 ISBN 2865868710 Article disponible en ligne à l’adresse : <https://www.cairn.info/revue-spirale-2001-3-page-51.htm> acessado em 25/8/2021.

MANSALY, Jules. *Le système de dénomination chez les Balant*. Afrikanistik-Aegyptologie-Pmööme-Online, Vol. 2017. Disponível em <https://www.afrikanistik-aegyptologie-online.de/archiv/2017/4543> e acessado em 30/6/2021.

MPHANDE, Lupenga 2006 ‘*Naming and Linguistic Africanisms in African American Culture*’. In: John Mugane et al (eds.) *Selected Proceedings of the 35th Annual Conference on African Linguistics*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, p.104-113. Disponível em <http://www.lingref.com/cpp/acal/35/paper1301.pdf> e acessado 10/7/2021.

SADIO, Seyni (sl.). *Gbbéjé (réincarnation Eponymiques) et Gijen (chasse funéraire): deux aspects anthropologiques du moi collectif Balante*. 2016. Disponível em [https://www.pressafrik.com/Gbbeje-reincarnation-Eponymiques-et-Gijen-chasse-funeraire-deux-aspects-anthropologiques-du-moi-collectif-Balante\\_a154060.html](https://www.pressafrik.com/Gbbeje-reincarnation-Eponymiques-et-Gijen-chasse-funeraire-deux-aspects-anthropologiques-du-moi-collectif-Balante_a154060.html) e acessado em 15/7/2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 26ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004. [1916]

SÉNÉGAL, Gouvernement du Sénégal. *Décret n° 2005-979 du 21 octobre 2005 relatif à l’orthographe et à la séparation des mots en balant*. Disponível em <http://www.jo.gouv.sn/spip.php?article4789> e acessado em 6/8/2021.

TSHIALA, Lay 2011. ‘*La dynamique des anthroponymes chez les Ding de la République Démocratique du Congo (1885 – 1960)*’. Neuchâtel: Thèse de Doctorat, Université de Neuchâtel. Disponível em <https://doc.rero.ch/record/22509/files/00002196.pdf> e acessado em 30/6/2021.

## ECO-REBEL

UNESCO, Organisation des Nations Unies pour l'éducation, la science et la culture. *Ethnonymes et toponymes africains*. Documents de travail et compte rendu de la réunion d'experts organisée par l'Unesco. 7, place de Fontenoy, 75700 Paris, 1984. Disponível em <http://kemetdevelopment.org/wp-content/uploads/2018/06/Histoire-Generale-de-lAfrique-Ethnonymes-et-toponymes-africains.pdf> e acessado em 27/6/2021.

Aceito em 09/12/21.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 3, 2021.